

**VERMELHO,  
BRANCO e  
SANGUE  
AZUL**

CASEY  
McQUISTON

**VERMELHO,  
BRANCO e  
SANGUE  
AZUL**

Tradução  
GUILHERME MIRANDA

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Casey McQuiston

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução completa ou parcial em qualquer formato.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original utilizada nesta edição foi retirada de *Razão e sensibilidade*, Jane Austen (Trad. de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin-Companhia, 2012).

TÍTULO ORIGINAL Red, White & Royal Blue

CAPA Kerri Resnick

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Isadora Zeferino

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

McQuiston, Casey

Vermelho, branco e sangue azul / Casey McQuiston ;  
tradução Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2019.

Título original: Red, White & Royal Blue.

ISBN 978-85-5534-094-9

1. Ficção juvenil 2. Ficção norte-americana I. Título.

---

19-29627

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB - 8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

*para os estranhos e os sonhadores*

# Um

No terraço da Casa Branca, escondido em um canto da varanda, há um painel meio solto bem no canto do Solário. Se bater do jeito certo, dá para puxar o painel o suficiente para encontrar uma mensagem que foi entalhada com a ponta de uma chave, ou talvez com um abridor de cartas roubado da Ala Oeste.

Na história secreta das primeiras-famílias — uma indústria exclusiva de fofocas que devem permanecer eternamente em segredo, sob pena de morte —, não se sabe ao certo quem escreveu aquilo. A única certeza que as pessoas parecem ter é que só o filho ou a filha de um presidente teria a audácia de vandalizar a Casa Branca. Alguns juram que foi Jack Ford, que tinha discos do Hendrix e um quarto de dois andares anexo ao terraço para fumar de madrugada. Outros dizem que foi a jovem Luci Johnson, que prendia o cabelo com uma fita grossa. Não importa. A frase se mantém, um mantra secreto para quem for esperto o bastante para encontrá-la.

Alex a descobriu na semana em que se mudou para a Casa Branca. Ele nunca contou para ninguém.

Diz assim:

## **REGRA Nº 1: NÃO SEJA PEGO**

Os Quartos Leste e Oeste no segundo andar costumam ser reservados para a primeira-família. Foram projetados para ser um enorme

salão de aparato para as visitas do marquês de La Fayette durante o governo Monroe, mas, depois de um tempo, foram divididos. Alex dorme no Leste, de frente para a Sala do Tratado, e June, no Oeste, perto do elevador.

Quando eram crianças, no Texas, eles tinham quartos na mesma configuração, um de cada lado do corredor. Na época, dava para saber com o que June andava sonhando só pelo que cobria as paredes do quarto dela. Aos doze, eram pinturas em aquarela. Aos quinze, calendários lunares e tabelas de cristais. Aos dezesseis, recortes do *The Atlantic*, uma bandeira da Universidade do Texas, Gloria Steinem, Zora Neale Hurston, e trechos de ensaios de Dolores Huerta.

Já o quarto de Alex era sempre o mesmo, só que cada vez mais cheio de troféus de lacrosse e pilhas de trabalhos de matérias avançadas. Está tudo juntando poeira na casa que eles ainda mantêm na cidade. Pendurada em uma corrente no pescoço, sempre escondida, ele guarda a chave daquela casa desde o dia em que se mudou para Washington.

Agora, do outro lado do corredor, o quarto de June é todo decorado em tons de branco, rosa-claro e verde mentolado. Ele foi fotografado pela *Vogue* e é famoso por ter velhos periódicos de design de interiores dos anos 60, que ela encontrou em alguma das salas de estar da Casa Branca, como inspiração. O de Alex pertencera à Caroline Kennedy quando bebê e depois se tornou o escritório de Nancy Reagan — motivo pelo qual June fez uma purificação energética no cômodo. Ele manteve as ilustrações de natureza em uma linha simétrica sobre o sofá, mas cobriu as paredes cor-de-rosa de Sasha Obama com azul-escuro.

Pelo menos nas últimas décadas, os filhos do presidente não costumam morar na Residência depois dos dezoito anos, mas Alex começou a faculdade em Georgetown no mesmo mês de janeiro em que sua mãe tomou posse e, pela logística, não fazia sentido dividir os seguros nem os custos entre a Casa Branca e o apartamento em que ele iria morar. June veio no mesmo ano, recém-formada na Universidade do Texas. Ela nunca disse, mas Alex sabe que ela se mudou para ficar de olho nele.

June sabe melhor do que ninguém que ele adora estar tão perto da ação e, mais de uma vez, chegou a arrancá-lo à força da Ala Oeste.

Dentro do quarto, ele pode sentar e escutar Hall & Oates na vitrola do canto, sem que ninguém o ouça cantarolando “Rich Girl”, como seu pai fazia. Pode usar os óculos que sempre finge não precisar para ler. Pode fazer todos os guias de estudo detalhados e cheios de post-its coloridos que quiser. Ele não vai se tornar o congressista mais jovem a ser eleito na história moderna se não fizer por merecer, mas ninguém precisa saber o quanto ele se esforça para isso. Senão seu status de sex symbol cairia por terra.

— Ei — diz uma voz à porta. Ele ergue o olhar do laptop e vê June entrando no quarto, carregando dois iPhones, uma pilha de revistas embaixo do braço e um prato na mão. Ela fecha a porta com o pé.

— O que você roubou hoje? — Alex pergunta, afastando a pilha de papéis para ela sentar na cama.

— Donuts sortidos — June diz enquanto sobe. Ela está usando uma saia lápis com sapatilhas cor-de-rosa de bico fino, e Alex já consegue imaginar as colunas de moda da semana seguinte: uma foto de June com aquela roupa estampando alguma propaganda para vender as sapatilhas perfeitas para a jovem prática e profissional.

Ele se pergunta o que a irmã fez o dia todo. June tinha comentado sobre uma coluna para o *Washington Post*, ou era uma sessão de fotos para o blog? Ou as duas coisas? Ele nunca conseguia acompanhar.

Ela esparramou a pilha de revistas em cima da colcha e começou a ler.

— Fazendo a sua parte para manter a indústria de fofocas norte-americana viva?

— É pra isso que serve meu diploma de jornalismo — June diz.

— O que tem de bom essa semana? — Alex pergunta, pegando um donut.

— Vejamos — June diz. — A *In Touch* diz que estou... namorando um modelo francês?

— Sério?

— Quem me dera. — Ela folheia algumas páginas. — Ah, falaram que você fez clareamento anal.

— É verdade — Alex diz com a boca cheia de chocolate com granulado.

— Imaginei — June diz, sem erguer os olhos. Depois de folhear quase a revista inteira, ela a enfia embaixo da pilha e passa para a *People*. Ela a folheia distraidamente; afinal, a *People* só escreve o que os assessores dela mandam. Não tem graça. — Não tem muita coisa sobre a gente essa semana... Ah, sou uma dica nas palavras-cruzadas.

Acompanhar a cobertura dos tabloides é um passatempo de June que às vezes diverte e às vezes irrita a mãe dos dois, e Alex é narcisista o bastante para deixar a irmã ler os destaques para ele. Geralmente são pura invenção ou frases prontas escritas pela assessoria de imprensa da família, mas às vezes ajudam a desviar os rumores estranhos e especialmente maldosos. Se pudesse escolher, Alex preferiria ler uma das centenas de fanfics apaixonadas que protagoniza na internet, em que sempre aparece com um charme devastador e uma resistência física inacreditável, mas June se recusa categoricamente a ler isso em voz alta, por mais que ele insista.

— Lê a *Us Weekly* — Alex diz.

— Hmm... — June a desenterra da pilha. — Ah, olha, estamos na capa.

Ela vira a capa brilhante para ele, que tem uma foto dos dois estampada no canto: June com o cabelo preso em um coque e Alex ligeiramente bêbado mas ainda bonito, com seu maxilar forte e cachos escuros. Embaixo, em letras amarelas em negrito, a manchete diz: NOITADA MALUCA DOS PRIMEIROS-FILHOS EM NOVA YORK.

— Ah, é, essa foi uma *noitada maluca* mesmo — Alex diz, recostando na cabeceira alta de couro e ajeitando os óculos. — Nada mais sexy do que ser os palestrantes principais de uma conferência sobre emissões de carbono e passar uma hora e meia comendo salgadinho de camarão e ouvindo discursos.

— Estão dizendo que você teve um casinho com uma “morena



misteriosa” — June diz. — “Embora a primeira-filha tenha sido levada de limusine para uma festa repleta de celebridades logo depois do evento, Alex, o galã de vinte e um anos, foi flagrado entrando no W Hotel para se encontrar com uma morena misteriosa na suíte presidencial e só saiu por volta das quatro da madrugada. Fontes internas do hotel afirmam ter ouvido ruídos amorosos do quarto a noite inteira, e correm boatos de que a morena era ninguém menos do que... *Nora Holleran*, a neta de vinte e dois anos do vice-presidente Mike Holleran e terceira integrante do Trio da Casa Branca. Será que os dois estão revivendo seu romance?”

— Isso! — Alex comemora, e June resmunga. — Faz menos de um mês! Você me deve cinquenta dólares, bebê.

— Espera aí. Foi *mesmo* a Nora?

Alex lembra da semana anterior, quando apareceu na suíte de Nora com uma garrafa de champanhe. Eles tiveram um lance rápido um milhão de anos antes, durante a campanha, meio que para fazer acontecer de uma vez algo que parecia inevitável. Eles tinham dezessete e dezoito anos na época, e tinham certeza de que eram as pessoas mais inteligentes do mundo. Desde então, Alex admitiu que Nora era duas vezes mais inteligente do que ele, e definitivamente inteligente demais para namorá-lo algum dia.

Não havia nada que ele pudesse fazer se a imprensa não tinha superado aquele caso, só porque adoram a ideia dos dois juntos, como se fossem um casal Kennedy moderno. Por isso, se ele e Nora se encontram de vez em quando em quartos de hotel para beber, assistir a *The West Wing* e fazer barulhos de gemidos altos contra a parede para a alegria de tabloides enxeridos, a culpa não era dele. Eles estavam apenas transformando uma situação desagradável em diversão pessoal.

Tirar dinheiro de June também era uma das vantagens.

— Talvez — ele diz, arrastando as vogais.

June bate nele com a revista como se ele fosse uma barata especialmente nojenta.

— Você está roubando, babaca!

— Aposta é aposta. Combinamos que você me daria cinquenta dólares se aparecesse um boato novo em menos de um mês. Aceito PayPal.

— Eu não vou pagar — June diz, irritada. — Vou matar a Nora amanhã. O que você vai vestir, aliás?

— Onde?

— No casamento.

— Casamento de quem?

— Hm, o *casamento real* — June diz. — Da Inglaterra. Está literalmente em todas as capas que acabei de te mostrar.

Ela ergue a *Us Weekly* de novo e, dessa vez, Alex nota a principal manchete em letras garrafais: PRÍNCIPE PHILIP DIZ SIM! A fotografia mostra um herdeiro britânico extremamente sem graça e sua noiva loira igualmente desinteressante com sorrisos insossos.

Ele derruba o donut para fingir devastação.

— É *esse* fim de semana?

— Alex, nós vamos viajar de manhã — June diz para ele. — Temos duas aparições antes da cerimônia. Não acredito que a Zahra ainda não encheu seu saco por causa disso.

— Merda — ele resmunga. — Devo ter anotado em algum lugar. Acabei me distraindo.

— Se distraiu conspirando com a minha melhor amiga para ganhar cinquenta dólares de mim?

— Não, com meu trabalho para a faculdade, engraçadinha — Alex diz, apontando com ar dramático para suas pilhas de anotações. — Passei a semana inteira trabalhando nisso para Pensamento Político Romano. E pensei que tínhamos concordado que Nora é *noossa* melhor amiga.

— Isso nem parece uma matéria de verdade — June diz. — Será possível que você esqueceu de propósito o maior evento internacional do ano só porque não quer ver seu arqui-inimigo?

— June, eu sou filho da presidenta dos Estados Unidos. O príncipe Henry é um testa de ferro do Império Britânico. Não dá pra dizer que ele é meu *arqui-inimigo* — Alex diz. Ele volta para seu donut, mas-

tigando pensativo, e acrescenta: — Arqui-inimigo implica que ele é realmente meu rival em algum nível, e não, sabe, o fruto esnobe de um incesto que deve bater punheta olhando as próprias selfies.

— Nossa.

— Só dizendo.

— Bom, você não precisa gostar dele, só precisa fazer uma carinha feliz e não causar um incidente internacional no casamento real.

— Juju, eu sempre faço uma carinha feliz — Alex diz. Ele abre um sorriso enorme terrivelmente falso, e June faz uma careta de repulsa.

— Eca. Enfim, já sabe o que vai vestir, né?

— Óbvio, escolhi e pedi para a Zahra aprovar no mês passado. Não sou uma anta.

— Ainda não decidi o meu vestido — June diz. Ela se aproxima e tira o laptop das mãos dele, ignorando seu resmungo. — Você prefere o marrom ou o de renda?

— Renda, óbvio. É a Inglaterra. E por que você está se esforçando tanto para me fazer reprovar nessa matéria? — ele diz, tentando pegar o laptop, antes de ela bater na sua mão. — Vai mexer no seu Instagram, sei lá. Você é um pé no saco.

— Cala a boca, estou tentando escolher alguma coisa pra assistir. Eca, você tem *Hora de voltar* na sua lista? Está estudando cinema em 2005?

— Eu te odeio.

— Hmm, eu sei.

Lá fora, o vento bate mais forte sobre o gramado, fazendo as tílias farfalharem no jardim. A vitrola no canto parou de tocar. Alex sai da cama e vira o disco, pondo a agulha no lugar, e o segundo lado começa a tocar “London, Luck & Love”.

No fundo, Alex nunca se cansou dos jatinhos particulares, nem mesmo depois de três anos do mandato da mãe.

Não é sempre que ele pode viajar assim, mas, quando pode, é difícil manter a cabeça no lugar. Ele nasceu no interior montanhoso do Texas;

sua mãe, filha de mãe solteira, e seu pai, filho de imigrantes mexicanos, todos muito pobres — uma viagem de luxo ainda era um luxo.

Quinze anos antes, quando sua mãe concorreu à presidência pela primeira vez, o jornal de Austin a apelidou de Cometa de Lometa. Ela havia saído de sua cidadezinha na região de Fort Hood, trabalhado noites inteiras em lanchonetes para bancar a faculdade de direito e, antes dos trinta, estava defendendo casos de discriminação diante do Supremo Tribunal Federal. Ela era a última coisa que alguém esperaria sair do Texas em meio à Guerra do Iraque: uma democrata de cabelo loiro-avermelhado, respostas rápidas, salto alto, um sotaque forte e uma pequena família birracial.

Por isso, ainda é surreal que Alex esteja cruzando o Atlântico, beliscando pistaches em uma cadeira de couro de encosto alto com os pés para cima. Nora está debruçada sobre as palavras-cruzadas do *New York Times* à frente dele, os cachos castanhos caindo sobre a testa. Ao lado dela, o gigantesco agente Cassius do Serviço Secreto — apelidado de Cash — segura o próprio jornal na mão gigante, correndo para terminar as cruzadinhas primeiro. O arquivo do trabalho de Pensamento Político Romano de Alex pisca cheio de expectativa na tela do laptop, mas ele não consegue se concentrar enquanto atravessa o Atlântico.

Amy, a agente do Serviço Secreto preferida da sua mãe, uma ex-fuzileira naval que já matou muitos homens, segundo os boatos que correm por DC, está do outro lado do corredor. Ela está tranquilamente bordando flores em um guardanapo, ao lado de uma caixa de materiais de artesanato feita de titânio e à prova de balas. Alex já a viu perfurar o joelho de uma pessoa com uma agulha de bordado muito parecida com aquela.

June está ao lado dele, apoiada em um cotovelo com a cara enfiada na edição da *People* que, sabe-se lá por quê, trouxe com eles. Ela sempre escolhe os materiais de leitura mais bizarros para os voos. Na última vez, era um guia antigo de conversação em cantonês. Antes, *A morte vem buscar o arcebispo*.

— O que você está lendo aí agora? — Alex pergunta.

Ela vira a revista para ele ver a matéria de duas páginas intitulada:

LOUCURA DO CASAMENTO REAL! Alex solta um grunhido. É definitivamente pior do que Willa Cather.

— Que foi? — ela diz. — Quero estar preparada para o meu primeiro casamento real.

— Você já foi pra uma festa de formatura — Alex diz. — É só imaginar isso, só que no inferno, mas você tem que ser muito gentil o tempo todo.

— Dá para acreditar que gastaram setenta e cinco mil dólares só no bolo?

— Que deprimente.

— E parece que o príncipe Henry vai sozinho para o casamento e todo mundo está pirando. Diz aqui que ele estava — ela faz um sotaque britânico cômico —, “segundo rumores, saindo com uma herdeira belga no mês passado, mas agora aqueles que acompanham a vida amorosa do príncipe estão sem saber o que pensar”.

Alex bufa. É inacreditável como milhares de pessoas acompanham a vida amorosa incrivelmente sem graça dos irmãos da realeza. Ele até entende que as pessoas liguem para onde ele enfia a língua — pelo menos, *ele* tem personalidade.

— Vai ver, a população feminina da Europa finalmente se deu conta que ele é tão atraente quanto um novelo de lã encharcado — Alex sugere.

Nora abaixa as palavras-cruzadas. Cassius olha para o lado e solta um palavrão ao ver que ela terminou primeiro.

— Você vai dançar com ele, então?

Alex revira os olhos e se imagina rodando pelo salão de baile enquanto Henry fala vários nada sobre críquete e caça de raposa em seu ouvido. Pensar nisso lhe dá ânsia de vômito.

— Até parece.

— Ah — Nora diz —, você ficou vermelhinho.

— Escuta — Alex diz —, casamentos reais são um lixo, os príncipes que fazem casamentos reais são um lixo, o imperialismo que permite que príncipes existam é um lixo. É um lixo sem fim.

— Mas que belo discurso — June diz. — Você sabe que os Estados Unidos também são um império genocida, né?

— Sei, *June*, mas pelo menos temos a decência de não manter a monarquia viva — Alex diz, jogando um pistache nela.

Os novos funcionários da Casa Branca sempre são informados sobre algumas coisas a respeito de Alex e June antes de começarem a trabalhar. A alergia de June a amendoim. Os pedidos frequentes de café que Alex faz no meio da noite. O ex-namorado de June, que terminou com ela quando se mudou para a Califórnia depois da faculdade, mas ainda é a única pessoa cujas cartas chegam diretamente para ela. O velho ódio de Alex contra o príncipe caçula.

Não é nem ódio, na verdade. Nem uma rivalidade. É uma birra incômoda e inquietante. Faz as palmas das mãos dele suarem.

Os tabloides — o mundo — decidiram elencar Alex como o equivalente americano ao príncipe Henry desde o primeiro dia, visto que o Trio da Casa Branca é a coisa mais próxima que os Estados Unidos têm da realeza. Nunca pareceu justo. A imagem de Alex é puro carisma, inteligência e humor cínico, entrevistas reflexivas na capa da *GQ* aos dezoito anos; a de Henry é composta de sorrisos plácidos, cavalheirismo cortês e aparições genéricas de caridade, uma tela perfeitamente em branco de Príncipe Encantado. Na opinião de Alex, Henry tem um papel muito mais fácil de representar.

Tá. Talvez tecnicamente seja uma rivalidade.

— Tá, inteligentona — ele diz —, quais são os números aqui?

Nora sorri.

— Bom. — Ela finge pensar profundamente no assunto. — Avaliação de risco: se o primeiro-filho não se cuidar, vai resultar em mais de quinhentas mortes de civis. Noventa e oito por cento de chance de o príncipe Henry estar gato. Setenta e oito por cento de chance de Alex ser banido do Reino Unido para sempre.

— Melhor do que eu imaginava — June comenta.

Alex ri, e o avião segue caminho.

Londres é um verdadeiro espetáculo. Multidões lotam as ruas em frente ao Palácio de Buckingham e a cidade inteira tem corpos envolvidos em bandeiras do Reino Unido, acenando bandeirinhas menores. Há lembranças comemorativas do casamento real por todo lado; o rosto do príncipe Philip e de sua noiva estampados em tudo, de barras de chocolate a roupas íntimas. Alex quase não consegue acreditar que tanta gente se anime dessa forma com algo completamente idiota. Ele tem certeza que não vai aparecer tanta gente quando ele ou June se casarem um dia, tampouco queria algo assim.

A cerimônia em si parece durar uma eternidade, mas até que é bonita. Não é que Alex não curta esse lance de amor ou não veja graça em casamentos. É que Martha é uma filha perfeitamente respeitável da nobreza, e Philip é um príncipe. É tão sexy quanto uma transação comercial. Nada de paixão, nada de drama. Alex prefere as histórias de amor shakespearianas.

Parece que leva anos até ele estar sentado em uma mesa entre June e Nora dentro do salão de baile do Palácio de Buckingham, já se sentindo um pouco irresponsável de tão irritado. Nora passa uma taça de champanhe para ele, que ele aceita com gratidão.

— Algum de vocês sabe o que é um visconde? — June diz, entre uma mordida e outra de um sanduíche de pepino. — Eu conheci, tipo, uns cinco desses, e fico sorrindo como se soubesse o que significa quando eles falam isso. Alex, você fez aquela matéria de coisas relacionais governamentais internacionais comparativas. Sei lá. O que eles são?

— Acho que é um vampiro que cria um exército de sílfides sexuais ensandecidas e inaugura seu próprio governo — ele responde.

— Faz sentido — Nora diz. Ela está dobrando o guardanapo em um formato complexo sobre a mesa, as unhas pretas cintilando sob a luz do candelabro.

— Quería ser visconde — June diz. — Podia mandar minhas sílfides sexuais cuidarem dos meus e-mails.

— Sílfides sexuais trabalham bem com correspondência profissional? — Alex pergunta.

O guardanapo de Nora começou a ficar parecido com um pássaro. — Acho que pode ser uma abordagem interessante. Os e-mails seriam completamente trágicos e devassos. — Ela faz uma voz rouca e esbaforida. — “Ah, por favor, eu imploro, me leve... me leve para discutir amostras de tecidos no almoço, seu animal!”

— Pode ser estranhamente eficaz — Alex observa.

— Vocês são perturbados — June diz baixinho.

Alex abre a boca para responder quando um assistente da realeza se materializa diante da mesa feito um fantasma corpulento com a cara azeda e uma peruca tosca.

— Srta. Claremont-Diaz — diz o homem, que tem uma cara de quem se chama Reginald, Bartholomew ou algo nessa linha. Ele faz uma reverência e, por milagre, sua peruca não cai no prato de June. Alex troca um olhar incrédulo com ela enquanto ele não está olhando. — Sua alteza real, o príncipe Henry, gostaria de saber se a senhorita lhe daria a honra de uma dança.

June fica boquiaberta, emitindo um som vocálico baixo, e Nora abre um sorriso sarcástico.

— Ah, ela *adoraria* — Nora diz. — Passou a noite torcendo por esse pedido.

— Eu... — June começa a dizer e para, sorrindo mesmo enquanto lança um olhar cortante para Nora. — É claro. Seria um prazer.

— Excelente — Reginald-Bartholomew diz, se vira e aponta por trás do ombro.

Lá está Henry, em carne e osso, com a beleza clássica de sempre: o terno sob medida, o cabelo claro bagunçado, as maçãs do rosto salientes e a boca delicada e simpática. Ele tem uma postura impecável inata, como se um dia tivesse saído completamente formado e adulto de algum belo jardim de buquês.

Ele encara Alex e algo parecido com irritação ou adrenalina enche seu peito. Deve fazer um ano que ele não conversa com Henry. O rosto dele ainda é insuportavelmente simétrico.

Henry o cumprimenta com a cabeça, como se ele fosse apenas mais



um convidado qualquer, não a pessoa que ele venceu ao sair primeiro na *Vogue* quando eram adolescentes. Alex pestaneja, se enche de fúria e observa Henry virar seu maldito queixo esculpido na direção de June.

— Olá, June — Henry diz, e estende a mão educadamente para ela, que está corada. Nora finge desfalecer. — Você sabe dançar valsa?

— Eu... tenho certeza que consigo acompanhar — ela diz, e pega a mão dele com cautela, como se ele estivesse pregando uma peça, o que Alex pensa ser muito generoso com o senso de humor de Henry. O príncipe a leva em direção ao grupo de nobres girando.

— O que foi isso? — Alex diz, olhando fixamente para o pássaro de guardanapo de Nora. — Ele decidiu me fazer ficar quieto de uma vez por todas seduzindo a minha irmã?

— Ah, amiguinho — Nora diz. Ela estende o braço e dá um tapinha na mão dele. — É fofo você achar que tudo gira em torno de você.

— Pois deveria.

— Esse é o espírito.

Ele ergue os olhos para a multidão onde Henry está girando June pelo salão. Ela está com um sorriso neutro e educado no rosto, enquanto ele fica olhando pelo ombro dela, o que é ainda mais irritante. June é incrível. O mínimo que Henry pode fazer é prestar atenção nela.

— Mas você acha que ele realmente gosta dela?

Nora encolhe os ombros.

— Vai saber? A família real é esquisita. Pode ser uma cortesia ou... Ah, ali está.

Um fotógrafo real apareceu para tirar uma foto deles dançando, que Alex sabe que vai ser vendida para a *People* da próxima semana. É isso? O plano é usar a primeira-filha para chamar atenção com um boato idiota de relacionamento? Deus livre Henry de Philip dominar o noticiário por uma semana.

— Ele até que é bom nisso — Nora comenta.

Alex chama um garçom e decide passar o resto da festa ficando sistematicamente bêbado.

Alex nunca contou — nem nunca vai contar — para ninguém,

mas viu Henry pela primeira vez quando tinha doze anos. Ele só pensa nisso quando está bêbado.

Ele tem certeza que viu o rosto dele no noticiário antes, mas essa foi a primeira vez em que ele o viu de verdade. June tinha acabado de fazer quinze anos e gastou parte do dinheiro que ganhou com a edição de uma revista adolescente de cores ofuscantes. O amor dela por tabloides cafonas começou cedo. No centro da revista havia minipôsteres que dava para tirar e colar dentro do armário. Se você tomasse cuidado e erguesse os grampos com a unha, era possível tirá-los sem rasgar. Um deles, bem no meio, era a foto de um menino.

Ele tinha o cabelo cheio e dourado, grandes olhos azuis, um sorriso doce, e um bastão de críquete apoiado no ombro. Devia ser uma foto espontânea, porque não tinha como aquela confiança alegre e ensolarada ser posada. No canto inferior da página, em letras azuis e rosa: PRÍNCIPE HENRY.

Alex ainda não sabia dizer o que exatamente o fazia voltar, mas ele entrava escondido no quarto de June, encontrava a página e passava a ponta dos dedos no cabelo do garoto, como se pudesse sentir sua textura. Quanto mais seus pais subiam na carreira política, mais ele começava a se conformar com o fato de que o mundo logo saberia quem ele era. Nessa época ele às vezes pensava no retrato e tentava canalizar um pouco da confiança tranquila do príncipe Henry.

(Ele também tinha considerado erguer os grampos com os dedos para tirar a foto e guardá-la no quarto dele, mas nunca chegou a fazer isso. Suas unhas eram curtas demais; os grampos eram feitos para unhas grandes como as de June.)

Mas então chegou o dia em que ele conheceu Henry — ou chegaram as primeiras palavras frias e distantes que Henry disse a ele — e Alex constatou que tinha entendido tudo errado, que o menino lindo e sincero da foto não era de verdade. O verdadeiro Henry era bonito, distante, sem graça e fechado. Essa pessoa a quem os tabloides o comparavam sem parar, com quem *ele mesmo* se comparava, se achava *melhor* do que Alex e do que todos os outros. Alex não conseguia acreditar que algum dia quis ser como ele.

Alex continua bebendo e alternando entre pensar nisso e se forçar a não pensar nisso, desaparecendo na multidão e dançando com herdeiras europeias para esquecer.

Ele está rodopiando com alguém quando avista uma figura solitária perto do bolo e da fonte de champanhe. É o príncipe Henry de novo, com uma taça na mão, observando o príncipe Philip e sua noiva rodando no salão de baile. Ele tem aquela cara cortês odiosa de desinteresse, como se tivesse mais o que fazer da vida do que estar parado ali. Alex não resiste ao impulso de provocá-lo.

Ele abre caminho pela multidão, pega uma taça de vinho de uma bandeja no caminho e toma metade de uma vez só.

— Quando for seu casamento — Alex diz, chegando ao lado dele —, é melhor contratar duas fontes de champanhe em vez de uma só. Dá vergonha ir a um casamento com só uma dessas.

— Alex — Henry diz com aquele sotaque insuportavelmente esnobe. De perto, o colete dele sob o paletó é de um tom dourado exuberante e deve ter um milhão de botões. É horrível. — Estava me perguntando se teria esse prazer.

— Parece que é seu dia de sorte — Alex diz, sorrindo.

— Realmente é uma ocasião histórica — Henry concorda. Até o sorriso branco dele é radiante e imaculado, pronto para ser impresso em dinheiro.

O mais irritante de tudo é que Alex *sabe* que Henry também o odeia — ele *deve* odiar, os dois são antagonistas mútuos naturais — mas se recusa a ser sincero em relação a isso. No fundo, Alex sabe que política envolve ser simpático com pessoas que você odeia, mas ele queria que uma vez, uma que fosse, Henry agisse como um ser humano de verdade em vez de um brinquedinho de corda reluzente vendido em uma loja de presentes do palácio.

Ele é perfeito demais. Alex tem vontade de provocar.

— Você nunca se cansa — Alex diz — de fingir que é melhor que isso tudo?

Henry se vira e o encara.

— Não sei se entendi o que você quer dizer.

— Tipo, você fica lá, fazendo os fotógrafos te seguirem, passeando como se odiasse toda essa atenção, o que visivelmente não é verdade já que chamou bem a minha irmã para dançar — Alex diz. — Você age como se fosse importante demais para estar em qualquer lugar, sempre. Não cansa?

— Eu sou... um pouco mais complicado que isso — Henry arrisca.

— Ah, tá bom.

— Ah — Henry diz, estreitando os olhos. — Você está bêbado.

— Só uma sugestão — Alex diz, pousando o cotovelo com intimidade excessiva no ombro de Henry, o que não é tão fácil quanto ele gostaria porque Henry é uns dez centímetros irritantes mais alto que ele. — Você podia fingir que está se divertindo. De vez em quando.

Henry ri com pesar.

— Acho que talvez seja melhor você tomar uma água, Alex.

— É mesmo? — Alex pergunta. Ele deixa de lado o pensamento de que talvez tenha sido o vinho que lhe deu coragem para puxar papo com Henry e finge o olhar mais recatado e angelical que consegue. — Estou te ofendendo? Desculpa se não sou tão obcecado por você quanto todo mundo. Sei que deve ser confuso.

— Quer saber? — Henry diz. — Eu acho que você é, sim.

Alex fica boquiaberto, enquanto a boca de Henry esboça um sorriso quase maldoso.

— Só uma ideia — Henry diz, com o tom polido. — Você já notou que nunca abordei você e fui *exaustivamente* educado todas as vezes em que nos falamos? Mas aqui está você, me procurando de novo. — Ele dá um gole do champanhe. — Só um comentário.

— Quê? Eu não... — Alex balbucia. — É você que...

— Tenha uma ótima noite, Alex — Henry diz, tenso, e se vira para ir embora.

Alex fica *furioso* por Henry achar que pode dar um fim à conversa e, sem pensar, estende a mão e o puxa pelo ombro.

Henry se vira, de supetão, e quase empurra Alex dessa vez. Por um

breve momento, Alex fica impressionado com o brilho nos olhos dele, a explosão abrupta de uma personalidade verdadeira.

Antes que se dê conta, ele tropeça no próprio pé e cai para trás, esbarrando na mesa mais próxima. Tarde demais, ele percebe, horrorizado, que essa é a mesa que abriga o enorme bolo de casamento de oito andares, e segura o braço de Henry para se endireitar, mas tudo que consegue é desequilibrar os dois e fazê-los cair juntos em cima do suporte do bolo.

Ele observa, como se em câmera lenta, o bolo se inclinar, balançar, estremecer e, finalmente, tombar. Não há absolutamente nada que ele possa fazer para impedir. O bolo cai no chão em uma avalanche de glacê branco, uma espécie de pesadelo açucarado de setenta e cinco mil dólares.

Um silêncio ensurdecedor toma conta do salão quando o impulso o leva ao chão junto com Henry, caindo bem nos destroços do bolo no carpete decorado, a mão de Alex ainda segurando a manga de Henry. A taça de champanhe de Henry entornou sobre os dois e se quebrou e, pelo canto do olho, Alex pôde ver que um corte na maçã do rosto de Henry começara a sangrar.

Por um segundo, tudo em que ele consegue pensar enquanto olha para o teto, coberto de glacê e champanhe, é que, pelo menos, a dança de Henry com June não vai ser a maior notícia a sair sobre o casamento real.

Seu segundo pensamento é que sua mãe vai matá-lo a sangue-frio.

Ao seu lado, ele escuta Henry murmurar devagar:

— Puta que pariu.

Ele nota vagamente que essa é a primeira vez que ouve o príncipe dizer um palavrão, antes de o flash de uma câmera disparar.